

Porque já a chuva terminou...



O cinema de Chico Silva

Entre 14:00 e 16:00 horas em São José do Egito (PE) nos idos anos 70, no período de dezembro a abril, época do inverso chuvoso no sertão, ao terminar a chuva, na difusora do cinema da cidade ecoava a música, *a chuva terminou*, do grupo The Jordans.

Era um momento de alegria, pois nos pingos da nossa esperança sertaneja, as notas e os cantos se misturavam com o anúncio que vinha sobre a nossa expectativa do filme que seria anunciado para a exibição às 20:00 horas. Enquanto o calçamento fervilhava por causa do mormaço, o sentimento ficava aquecido, pois sabíamos que teríamos o feijão verde e o milho, e no cinema iríamos viver o mundo da fantasia e da imaginação.

Nós ficávamos nas calçadas do centro da cidade (onde está a casa dos meus pais), com os olhos chuvosos de alegria por causa da chuva e os ouvidos no bailar da música.

Sentados nos banquinhos, ficávamos antecipando o que iria acontecer no filme, e indagávamos: será que o artista vai vencer o bandido? Será que o artista vai morrer? Será que a mocinha vai ficar com o artista? Será que o rio vai botar enchente? Será que vai dar para pular da ponte de flecheiro? O artista e a mocinha eram os protagonistas do filme que defendiam o bem, e quando o inverno era muito bom, o salto de cima da ponte sobre as

aguas barrentas, caudalosas e cheia de remanso, era uma atração da cidade ao assistir a coragem louca dos que se aventuravam no mergulho acrobático.

As chuvas eram a certeza do lucro e do aparecimento das traíras, dos mandis, dos corróis e dos piaus, para a gente pescar nos poços que ficavam depois do inverno. Os mais famosos eram o *poço da pedra*, na propriedade de José Clementino e o *poço da pitombeira*, próximo à casa de Dona Nemésia, avó da prima poeta Roberta Clarissa Leite.

Depois de passada a chuva, ficando o rumorejar das águas descendo no meio fio das calçadas, outra música ecoava nas difusoras do cinema, seguindo a melodia dos cantos do inverno.

Como São José do Egito tem como padroeiro o santo São José, oportunamente Zé Geraldo, locutor e controlador do serviço de informação do cinema de seu Chico Silva, colocava na radiola um disco da cantora Rita Lee, no qual ela cantava a música de sua autoria, *José*.

Então, ao som das músicas “*porque já a chuva terminou e o céu agora está azul para nós dois*” e “*olha o que foi meu bom José se apaixonar pela donzela, entre todas a mais bela de toda a sua galileia*”, são lembranças de um tempo distante, quase imemorial que aqui escrevo, deixando nestas poucas palavras um tempo infante juvenil, quando a vida era bordada de singeleza, de inocência, de sonhos, de esperança e de imaginações, sobre o tecido de uma pequena cidade do interior de Pernambuco.